

Governo quer profissionalização com formação básica de jovens

Após anos de descaso, programas de capacitação ganham destaque na política educacional do governo

Regiane de Oliveira e
Eva Rodrigues

redacao@brasileconomico.com.br

“O Brasil entra no século XXI em uma situação de extrema inferioridade competitiva, pelo fato de ter uma mão de obra preparada tecnicamente no ambiente de trabalho, sem condições intelectuais de progredir”. A frase acima é o diagnóstico do presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE), Francisco Cordão, sobre a educação de jovens e adultos (a chamada EJA) no país. Negligenciada pelos sucessivos governos, a EJA é considerada hoje uma das prioridades do governo federal, com espaço de destaque no novo Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020), que está em votação no Congresso.

Cordão, que atuou nas décadas de 60 e 70 com programas de EJA, lembra que o desafio dos governos — tanto federal como estadual e municipal — é imenso diante do descompasso entre a oferta e a demanda no ensino, que tem de ser adequada às necessidades desses alunos.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (Pnad 2009), o Brasil tem uma população de 64,8 milhões de pessoas maiores de 15 anos que ainda não terminaram os estudos da 1ª a 4ª série, mais conhecido como o antigo primário (Ensino Fundamental I). Desse total, apenas 4,4% estavam inscritos em cursos de EJA em 2009. A meta do governo é ofertar 14,5 milhões de vagas — hoje, são 10,9 milhões.

Apesar da demanda potencial ser superior às vagas atuais, muitas classes estão vazias. “Em São Paulo, por exemplo, a prefeitura abria matrículas para EJA no final do ano, com as matrículas do ensino básico. O problema é que os jovens e os adultos começam a se preocupar com isso depois do carnaval. E claro que sobra vaga.”

O foco do governo federal é unir a formação básica com o ensino profissionalizante para este público. “Temos de lembrar que o aluno de EJA é um trabalhador e precisa elevar seu nível de escolaridade para conseguir melhores oportunidades no mercado”, afirma Cordão.

De acordo com Gustavo Loyola, sócio da Tendências Consultoria, o problema é que as pessoas estão chegando no mercado de trabalho sem condições de serem qualificadas. “Nós estamos sentindo hoje a falta de uma política educacional de maior qualidade do passado. Em um canteiro de obras, por exemplo, as empresas têm que dar primeiro aula de alfabetização para depois ensinar para um servente uma atividade específica”, afirma. E estes investimentos paralelos em educação feito pelas empresas, ajudam a aumentar o custo Brasil.

Um fato é consenso: não adianta falar em capacitação, sem resolver os problemas de base. “Se a pessoa é analfabeta, você não vai conseguir capacitá-la, treiná-la. Temos de educar nossas crianças agora, porque tentar arranjar um atalho para treinar o garoto que tem 18 anos não resolve”, afirma José Márcio Camargo, sócio da Opus Gestão de Recursos. ■

A meta do governo é criar 14,5 milhões de vagas de jovens e adultos



PARCERIA

Dilma pretende conceder 75 mil bolsas de intercâmbio e pede outras 25 mil a empresários

A presidente Dilma Rousseff diz que o governo quer conceder 75 mil bolsas de estudos no exterior para alunos brasileiros até 2014. Durante a reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, ontem, Dilma ainda pediu apoio de empresários para que, até o final de seu governo, o Brasil envie 100 mil estudantes ao exterior para formação de mão de obra mais qualificada. “Vamos recorrer a um mecanismo ao qual vários países do mundo recorreram, que é enviar brasileiros e brasileiras para fazer, de forma parcial ou completa, cursos no exterior, sobretudo de ciências exatas”, disse a presidente para uma plateia formada em sua maior parte por empresários. “Queríamos fazer um convite e um

desafio aos senhores: eu acredito que o setor privado pode comparecer com uma ajuda aos estudantes brasileiros e ao Brasil, de forma que nos permita chegar a 100 mil bolsas em 2014”. Dilma apontou a deficiência em mão de obra qualificada como um desafio a ser enfrentado para que o crescimento da economia continue. Sem dar detalhes, afirmou que, nos próximos dias, o governo vai lançar um programa destinado a formação profissionalizante, o Pronatec. A deficiência de mão de obra, no entanto, é um “bom problema”, segundo Dilma. Para a presidente, ela só existe porque os investimentos em grandes obras voltaram a ocorrer no Brasil.

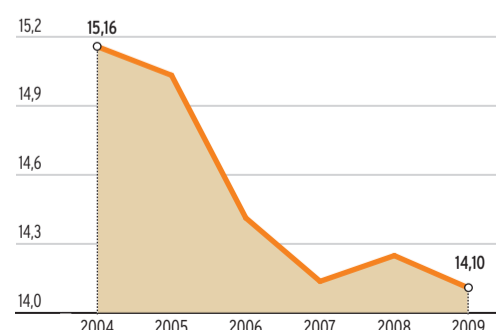
Redação com ABR

DIFICULDADES NA FORMAÇÃO

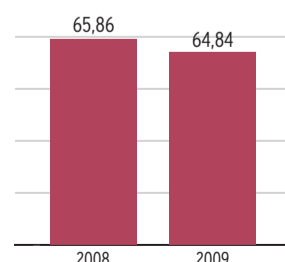
Quase 65 milhões de pessoas não tinham fundamental completo até 2009

PROBLEMAS NA FORMAÇÃO BÁSICA

ANALFABETOS ABSOLUTOS, EM MILHÕES



ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO INCLUINDO ANALFABETOS*, EM MILHÕES



Entre a população com ensino fundamental incompleto, em 2009, apenas **4,4%** estavam matriculados no EJA**

Fontes: IBGE/Pnad e MEC/INEP - Censo Educacional para o recorte populacional de 15 anos ou mais de idade *Informação não disponível para anos anteriores a 2008 **Educação de Jovens e Adultos